

Talvez Deus não tenha nome

*Estudar, confrontar,
indagar conteúdos
e perspectivas
da religiosidade é,
no seu todo,
a atitude pedagógica
da escola cultural,
emergente e promotora
de sociedades abertas.*

1. Sublinho que neste, como noutros terrenos, deveriam abundar o saber e a vontade da Sabedoria na sua visão plural, em contraste com a indiferença e o desinteresse, possivelmente marcas nossas.

Desconhecemos o fenómeno religioso, ignorando as formulações da religiosidade histórica; menosprezando estas, somos impedidos de ter acesso às teorizações do sagrado.

Estudar, confrontar, indagar conteúdos e perspectivas da religiosidade é, no seu todo, a atitude pedagógica da escola cultural, emergente e promotora de sociedades abertas.

A este propósito destacaria dois acontecimentos: o primeiro prende-se com uma proposta formulada junto de escola do ensino superior em ordem a ser incluída, no seu currículo, uma cadeira de «História das religiões» ou de «Filosofia da religião» como terreno de investigação de vários horizontes, particularmente do fanatismo religioso, infelizmente reduzido, em alguns sectores, ao denominado «fundamentalismo islâmico».

Questionava-se, concretamente nesse âmbito universitário, se não pulularia nos vários quadrantes das religiões o modelo do integrismo, a urgir um enquadramento muito mais amplo e crítico.

O segundo facto decorre duma estatística recentemente publicada, segundo a qual 57% dos franceses são favoráveis a um ensino da história das religiões (ou de todas as grandes religiões do mundo) nos liceus e colégios.

Tenha-se em conta que, em 1993, só 47% da citada população manifestava interesse por estes domínios.

**D. Januário Torgal
Mendes Ferreira**

Bispo católico

2. O pluralismo das religiões, apesar dos avanços e retrocessos do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, não constitui um fenómeno de facto ou de princípio.

O número de crentes não cristãos supera o número dos cristãos; quase dois terços destes vivem fora do mundo ocidental. Ainda que não haja estatísticas decisivas, estes números recomendam modéstia aos cristãos: há mais crentes de outras religiões no mundo.

E esses outros crentes não são todos nem cegos nem empedernidos...¹

Por outro lado, nenhuma religião em particular esgota a questão da verdade. Nesta, como em todas as perspectivas, são-nos interditos o absolutismo e os modelos relativistas, repudiando-se discriminações e sentimentos de prevalência.

Talvez Deus não tenha nome. Os nomes opõem-se entre si no mundo bíblico judaico como no mundo grego pré-socrático, na formulação de Heraclito, no fragmento 67: «Um Deus, vários nomes. Deus é dia e noite, Inverno e Verão, guerra e paz, saciedade e fome mas ele muda como o fogo quando é envolvido de aromas: aquele é denominado de acordo com cada um dos perfumes».

Talvez Deus seja o inominável. Mais uma razão, para o reencontro e o ajustar de contas, porque «quanto mais compreendermos as coisas singulares, mais compreendemos Deus (Spinoza, *Ética*, V, 23)².

3. A transdisciplinaridade dos conceitos não constitui solução mágica em direcção à verdade, ao sentido e ao diálogo. Mas, enquanto método de respeito e acolhimento de diferenças, torna-se pódio de unidade plural, de confronto de saberes e de práticas ao serviço da humanidade, respondendo à questão fundamental: terão as diferenças o sentido da comunhão ou do domínio?

O respeito pelas identidades significa o poder de entrar numa história em que cada qual pode ser alguém.

Ora, no decurso das ideologias, o primado dos totalitarismos configurou-se como experiência de absolutismos fanáticos.

Donde o invocar-se a religiosidade mítica da ideologia e a ideologia mítica da religiosidade.

As ideias específicas, que constituem as ideologias, são entidades vagas do pensamento onde, a par de conteúdos que apontam para a solução dos vazios sociais, predominam estratégias psicológicas, com o objectivo de impor a unicidade contra o pluralismo, a adesão entusiástica contra a frieza intelectual, o alinhamento com entidades salvacionistas (guia, fundador, «leader», gurú carismáticos) do que com um programa de reflexão.

A força da unicidade teórica é proporcional à ausência de livre opinião, para a qual concorrem o clima de pânico e de pressão social.

Sem negar que as ideologias põem o dedo na ferida do homem social e se orientam pelo trilho dos seus reais problemas, é forçoso destacar que sempre representam ideias impostas pela força de alguém (ou projectos «fulanizados», na expressão dos nossos dias), pela violência emocional (que não pelo ímpeto das evidências), pela pressão de medos e interesses (que nunca pela decisão pessoal).

Deste absolutismo resultaram, como, de igual forma, do tónus acríptico de formulações sacrais, o irracionalismo, em que se desencadeiam condições em que se não pensa ou que impedem de pensar; os relativismos, em que as leituras fechadas são obstáculos à ponderação de leituras diversas, os quais, em fase radical, assumem o estilo do indiferentismo

¹E. SCHILLEBEECKX, *História Humana - Revelação de Deus*, trad. de João Rezende Costa, S. Paulo, Paulus, 1994, p. 210.

²P. RICOEUR, *L'unique et le singulier*, Liège, Alice Ed., 1999, pp. 19-26.

pensante pois o indiferentismo é o desinteresse pelo diferente. Não existe o que não tem sentido para um horizonte.

Foi difícil superar o livro único, emblema de épocas pedagógicas, em ordem à aprendizagem de se ser uma voz no meio de outras, numa sociedade de crenças e opções ideológicas plurais.

4. A conjugação de expectativas e de propostas enforma uma experiência comum, confessante e fraterna, onde deverão ser salvaguardadas prioridades críticas, a saber:

- a) busca e reflexão sobre a verdade, para o além e no aquém de convicções e crenças;
- b) estilo de pensar e crer, em que sempre resida o repúdio das desumanidades e do definitivo que se opõe à «perguntabilidade» última;
- c) escuta das vítimas e das injustiças, tantas delas resultantes de princípios e atitudes do foro religioso;
- d) recusa de violências e conflitos, longe da cumplicidade e dos protecionismos de todo e qualquer instância;
- e) cultura do sentido de vida, da história e da natureza onde o progresso e o desenvolvimento sejam expressões dos direitos humanos e da igualdade cívica.

Na medida em que uma religião serve a humanidade e em que, na sua doutrina dogmática e moral, nos seus ritos e instituições, promover os seres humanos na sua identidade, significação e valores humanos, permitindo-lhes uma vida frutuosa e cheia de sentido, nesta medida é uma religião verdadeira e boa (Hans Kung).

5. Urge continuar no trilho de questões abertas a propósito do sentido, diferença ou identidade da Igreja e das Comunidades eclesiais. Tanto é assim que o tema da reunião, em França, dos vários delegados do ecumenismo (apesar de recentes desconfortos, de que se fizeram eco) diz respeito «à natureza e às concepções da Igreja».

A tensão existente significa o desenho de novas estratégias de comunicação entre indivíduos e comunidades para além de autoritarismos e de situações intempestivas.

A imaginação criadora é a construção de possíveis, que desvendam e transformam o que é.

A luz da aprendizagem mútua é sempre a luz mais forte.